

A paixão de compor com restos e sobras

Muitas histórias saem da boca dos indivíduos, algumas fazem sucesso, outras não.

Claude Lévi-Strauss

Em “Somos todos carne da Terra e luz do Sol”, a artista Nita Monteiro apresenta cinco obras na 34ª edição do Programa de Exposições do CCSP. Apesar do título, as obras não tratam da destruição do meio ambiente, mas das histórias das coisas, incluindo a história natural presente em elementos como pedras e conchas que estão no planeta muito antes dos humanos o habitarem.

Quatro trabalhos se mantem no riquíssimo campo do bordado por meio do qual Nita conta um conto e aumenta uma infinidade de pontos utilizando linha e agulha para desenhar, pintar, prender e pendurar elementos. Essa linguagem do bordado com a qual a artista vem trabalhando, oferece a seu modo metódico de fazer manual, uma grande contribuição plástica e de produção de sentido ao campo das artes visuais como um todo. Atualmente fazer um bordado, a depender do estilo, pode ser inteiramente realizado por máquinas que mimetizam alguns antigos trabalhos manuais cujos propósitos, especialmente quando realizados por mulheres de meados da segunda metade do século 19 até pelo menos a década de 1950, era, entre outros, de integrá-las socialmente. Enxoval de casamento, pré-natal do bebê, batizado dos filhos, entre outros ritos sociais de passagem, os bordados serviam também para decorar as casas. Essa circunscrição generificada do bordado vem sendo contestada desde pelo menos a década de 1990, quando artistas brasileiros como Arthur Bispo do Rosário e Leonilson aparecem em cena. O atual interesse pela poética de Madalena dos Santos Reimbolt bem como a revalorização pelo sistema de arte dos trabalhos da linha e da agulha - a saber Rosana Paulino, Rosana Palazyan, Lidia Lisboa - indicam o caminho fértil que Nita está perseguindo desde meados de 2020. Em obras como Carta da Lua, 2024, Pari uma pedra, 2023-2024, Metamorfose 2022-2023 e o mais antigo entre eles, Sempre que entrar nas profundezas, pense nas

alturas 2021-2022, parecem encantadas por histórias ouvidas, emendadas, refeitas em suas obras. Nesse conjunto de obras é tocante o azul noturno estrutural aproximado a outros tons de azuis claros, amarelos, brancos e ocres povoados por miçangas e materiais brilhantes.

Nita também borda sobre suportes já previamente usados como é o caso de *Metamorfose*, 2022-2023 construído sobre uma cortina feita por sua avó, juntamente com uma tapeçaria Gobelin em cima do qual se desenrola uma estória ouvida e modificada pela memória criadora da artista. Esse trabalho com restos materiais do passado, lembra a poética dos artistas Arthur Bispo do Rosário e Farnese de Andrade, ambos coletores de sobras com os quais erigiram, cada um a seu modo, uma obra vigorosa. Apesar de Nita afirmar que sua investigação trate da dimensão doméstica, afetiva e do cotidiano, em ao menos duas obras *Carta da Lua*, 2024 e *Pari uma pedra* 2023-2024, o cotidiano se mistura a algo relativamente excepcional quando sabemos que cacos de azulejos e pedras resultam de caminhadas pelo litoral paulista em São Sebastião e no Parque Itatiaia no Rio de Janeiro.

Na instalação inédita que dá nome à exposição, ao invés do bordado, aparece o macramê, técnica de amarração relativamente generificada, que sustenta um vaso cujo conteúdo é uma planta – mini antúrio natural. Aqui natural e construído são justapostos em uma composição feita de partes de diversas luminárias que ligam o alto - uma cúpula de ferro e vidro colorido em tonalidades ocres, ao baixo, um chão com 64 peças de azulejo. A instalação oferece um arranjo possível entre restos que sozinhos perderam quase que completamente sua força porque quem os produziu, as casas que com eles conviveram foram extintos, tornando-os coisas órfãs, evidências de ruínas. Nesse sentido, a poética de Nita Monteiro, assinala uma delicada paixão pelas formas, texturas, materiais e histórias do passado.